

Ruas, apropriação e insurgência: a relação entre paisagem, patrimônio e memória na Santiago após a explosão social chilena

Streets, appropriation and insurgency: the relationship between landscape, heritage and memory in Santiago after chilean social explosion

Calles, apropiación, insurrección: la relación entre el paisaje, patrimonio y memoria en Santiago tras el estallido social chileno

André Luís Paiva Gonçalves de Oliveira e Silva

Pesquisador graduado em arquitetura e urbanismo, UERJ, Brasil
alpgos@hotmail.com

Emanuela Alves da Rocha

Mestranda em arquitetura e urbanismo, UFF, Brasil
emanuelarocha@id.uff.br

Gabriel Schvarsberg

Professor adjunto do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, UERJ, Brasil
gabrielsberg@esdi.uerj.br

RESUMO

A relação entre o espaço urbano e a imagem da cidade é ponto de partida para muitas ações, tanto da governança institucional, quanto da população. A história percorrida pelos moradores e o que eles escolhem deixar mais ou menos latente está vinculada ao modo de habitar e desenhar novas liberdades. Este artigo busca, na perspectiva de Santiago (Chile), analisar e refletir sobre a imagem da cidade global e suas benesses para a qualidade de vida da população, junto dos efeitos do processo de insurgência, ocorrida a partir de outubro de 2019, para a memória e paisagem urbana. A partir de uma abordagem teórica que compara a percepção do turista e do etnólogo consolidada nas obras de Marc Augé, a pesquisa coloca em prática métodos de ritmanálise, explorados por Henri Lefebvre, para gerar percepções sobre o espaço e a vida no centro da cidade. Cabe reconhecer que apesar de medidas voltadas para agendas urbanas em voga, como a mobilidade ativa e a vitalidade urbana, há conflitos com aspectos identitários e ideológicos, impressos nas fachadas, muros e empenas da cidade. As implicações sociais do embate entre a imagem da cidade e a reivindicação dos direitos observados ao longo das derivas ganham destaque na formação da paisagem urbana, e possibilitam refletir sobre a apropriação do espaço público enquanto meio de alertar, reivindicar e lutar contra as ações homogeneizantes da globalização e da produção neoliberal das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Explosão social chilena. Paisagem. Memória.

ABSTRACT

The relationship between urban space and the image of the city is the starting point for many actions by the institutional government and the population. The history of the population and what they chose to evidence are related to the dwelling way and to the creation of new free modes of living. This article aims to analyze and reflect, from Santiago's (Chile) perspective, on the image of a global city and its benefits to the population's quality of life, as well as the effects of the insurgency process on memory and urban landscape. Through a theoretical approach that compares the touristic and ethnological perception of the city, developed by Marc Augé, the research practices the rhythm analysis method, explored by Henri Lefebvre, to produce perceptions about the space, considering life in the city center. Despite the implementation of measures based on currently worshiped urban agendas, such as active mobility and urban vitality, there may be conflicts with identity and ideological values printed on city facades and walls. The social implications of the shock between the image of the city and rights revindication, observed through the drifts, gains space on the urban landscape. This study is an invitation to reflect on public space appropriation as a way to alert, claim, and fight against the homogenizing process of globalization and neoliberal urbanism.

KEYWORDS: Chilean social explosion. Landscape. Memory.

RESUMEN

La interacción entre el espacio urbano y la imagen de la ciudad es un punto de partida para muchas acciones, tanto por parte de la gobernanza institucional, como por parte de la población. La historia de la población y lo que determinan para dejar más o menos latente están relacionadas con los modos de habitar y buscar nuevas formas de libertad. Este artículo tiene como objetivo, en la perspectiva de Santiago (Chile), analizar y reflexionar sobre la imagen de la ciudad global y sus beneficios para la calidad de vida de la población, así como los efectos del proceso de insurrección, ocurrido desde octubre de 2019. Según un enfoque teórico que compara la percepción del turista y del etnólogo consolidado en las obras de Marc Augé, la investigación aplica el método de ritmoanálisis, desarrollado por Henri Lefebvre, para generar percepciones sobre el espacio y la vida en el centro de la ciudad. Es preciso tener en cuenta que, a pesar de las acciones dirigidas a las agendas urbanas actuales, como la movilidad activa y la vitalidad urbana, existen conflictos con aspectos de identidad y de ideología, que se muestran en fachadas y medianeras. Las consecuencias sociales del enfrentamiento entre la imagen de la ciudad y las reivindicaciones por los derechos que se observaron durante las derivas son destacados en la formación del paisaje urbano, y permiten reflexionar sobre la apropiación del espacio público como medio de alertar, reivindicar y luchar contra las acciones de homogeneización de la globalización y de la producción neoliberal de las ciudades.

PALABRAS CLAVE: Explosión chilena. Paisaje. Memoria.

1 INTRODUÇÃO

A cidade construída e em constante mudança mostra a quem vivencia diariamente o espaço ou o conhece pela primeira vez como o habitar. Richard Sennett (2018) explora, a partir dos termos *ville* e *cit *, as diverg ncias entre o espaço construído e as formas de vivenciar o lugar, respectivamente. O autor aponta que a dinâmica atual do urbanismo está diretamente relacionada a aspectos da economia e da política. Para ele, a intenção de combinar de forma harmoniosa a *ville* e a *cit * quase nunca se materializa na urbe. Nesse contexto, a realidade de desigualdade que pode se estabelecer em múltiplos  mbitos do cotidiano da população é importante exemplo do descompasso entre o ambiente construído e a forma de habitá-lo. A criação e consolidação da imagem de uma cidade estabelecem jogos de poder e disputas no território que, ao relacionar essa dinâmica a fatores econ micos, se encontram com movimentos de resistência e identidade. A globalização e as novas possibilidades de mobilidade — de informação, mercadorias e as próprias formas de deslocamento — alimentam a liberdade neoliberal de quem pode pagar. A cidade passa a ser produto do consumo que deve, paradoxalmente, conciliar uma linguagem global homogeneizada e uma identidade própria da sua cultura e sociedade (SANTOS, 2000).

A oportunidade de ser turista, valiosa ao indivíduo contemporâneo que dela dispõe, promete, em princípio, apresentar a ele uma realidade diferente: outros hábitos, alimentação, lugares, etc. Entretanto, os níveis de conhecimento e reconhecimento de si próprio em outros lugares estão mais relacionados à forma de olhar de quem vive esse outro espaço. É neste sentido que Marc Augé (2010) compara a prática do turista e a do etnólogo, que se desenraizam e conhecem outros locais; mas as diferenças entre ambos se destacam mais do que suas semelhanças. O turista procura simultaneamente o exotismo e segurança do que lhe é comum; o que ele conhece está diretamente associado ao desenvolvimento da indústria turística no país de destino. Como ela dosa o conhecimento e entret m? Pontos turísticos, hotéis tipificados e souvenirs são a capa da cidade para o turista, seu método de aprendizagem. Já o etnólogo necessita da observação sistemática, solitária e prolongada e o reconhecimento e estudo de uma realidade que estão bastante vinculados ao conhecimento dele mesmo e a submissão à identidade do outro para entendê-la (AUGÉ, 2010).

Atualmente, a escala de massa do turismo superlota cidades e faz parte de um “fen meno arrasador” que tem como contradição emblemática a “dualização entre quem tem direito ao lazer e ao turismo e quem exerce trabalhos precários de temporada” (MONTANER, 2014, p. 143). A ideia de progresso promovida pela globalização majoritariamente quantitativa   homogeneizante e promove um declínio das identidades e particularidades, construindo tendências desse “progresso” no urbanismo que envolvem impactos econ micos e políticos, como especulação imobiliária e gentrificação, a partir de novas formas de uso e ocupação do solo e novas infraestruturas urbanas que em princípio se colocam como benéficas a todos, mas quase sempre produzem mais desigualdade.

As *smart cities*, cidades sustentáveis, e cidades para pessoas são linhas diretoras globais do pensamento urbano contemporâneo, que almejam soluções para distintas problemáticas da cidade. Entretanto, a aplicação supostamente técnica e neutra (despolitizada) de suas diretrizes pode influenciar pouco ou mesmo negativamente, quando vinculadas a uma política de fundo excludente, nas origens das questões de segregação e hierarquização do espaço urbano: desigualdade social, a grande exploração de recursos, a gentrificação, o

espraçamento urbano e serviços públicos de má qualidade, prejudicando uma sociedade urbana livre e o exercício de uma democracia de fato.

É neste contexto que o artigo tece uma crítica às formas de controle elaboradas na produção do espaço urbano sobre a imagem, memória e patrimônio vinculados à cidade, que calcula os níveis de compreensão, informação e identidade que ela constrói, apresentando a cidade de Santiago (Chile) como estudo de caso. O processo de deriva contrapõe o reconhecimento da memória, patrimônio e paisagem da cidade à primeira vista e ao longo do tempo, a partir de perspectivas outras que auxiliam a construir o paradoxo entre *ville* e *cit e*. O reconhecimento da cidade construída enquanto exemplo de urbanismo — seja pela lógica da mobilidade ativa, seja pela qualidade do espaço público — e das práticas insurgentes que expressam demandas de mudança e reivindicam espaço para outras perspectivas e memórias lança luz sobre outras realidades, diferentes das quais a forma da cidade dominante parece escolher evidenciar.

2 OBJETIVOS

O trabalho busca resgatar o debate acerca da influência da globalização e do turismo na imagem da cidade e na formação de uma zona crítica a partir do embate entre identidades locais e o movimento de gestão neoliberal da urbe. Os reflexos da resistência das características locais e da memória na paisagem urbana são objetos de análise neste processo. A cidade de Santiago (Chile) se estabelece enquanto estudo de caso a partir de uma dinâmica de deriva urbana no território, que se desdobra em uma dupla análise, baseada nas perspectivas do turista e do etnólogo (AUG E, 2010), e no estudo da paisagem da cidade.

Para ampliar o entendimento acerca do patrimônio e da memória no território, faz-se uma leitura do ambiente urbano encontrado enquanto resultado de um permanente processo dialético de construção, no qual a relação entre as intervenções urbanas instituídas — promovidas por meio de "instituições, regras e normas formais já estabelecidas" (CAVALLAZZI, BERTOLDO, 2018, p. 88) — e as instituintes — fruto de práticas sociais que questionam e transformam o ambiente em questão — resultam na composição, sempre parcial e incompleta, da paisagem da cidade (CAVALLAZZI, BERTOLDO, 2018).

3 M ETODO DE AN ALISE

A revisão bibliográfica acerca da relação entre a globalização e a mercantilização da imagem da cidade no mundo apoiada pelo turismo, bem como das problemáticas da standardização e de linhas urbanísticas desenvolvidas na defesa da melhora da qualidade de vida urbana compõem a parte inicial desta investigação. Ao estabelecer enquanto estudo de caso a viv encia e percepção do centro da cidade de Santiago, diversas abordagens de pesquisa e análise foram elencadas para o desenvolvimento do presente artigo. Ao longo do período de 17 dias *in loco* em novembro de 2022, elementos da ritman alise, explorados por Lefebvre (2021), compuseram sua construção. Tal metodologia, que tem o corpo e os sentidos enquanto uma dimensão do conhecimento, visa superar a percepção das relações sociais, por exemplo, como algo cristalizado, isto  e, passa a investigar algo que nos parece dado a partir do seu processo de construção. Derivas urbanas, observações acerca da paisagem, conversas com habitantes e registros fotogr aficos apoiam a análise e s ao produtos do estudo proposto.

Nesse sentido, busca-se o sensível: escuta, olhar, disputas, contexto e contradições, perceptíveis na ótica do pesquisador atravessado pelo território. O devir é central no debate ao considerar o centro de Santiago enquanto espaço construído, mas passível de mudanças e adaptações originadas de demandas invisibilizadas, ainda que evidentes. Compreendendo os ritmos como resultado e parte do processo de construção de algo, considera-se a noção de adestramento advindo de um processo civilizatório e da globalização que promove embates com aspectos da vida, da identidade e da memória, refletidos na paisagem da cidade. Assim, ao mesmo tempo que se desenvolve o adestramento do ser humano pelo próprio ser humano — quanto mais adestrado está um corpo, mais enquadrado e natural àquele contexto ele está (LEFEBVRE, 2021) —, busca-se compreender também o confronto e a zona crítica em Santiago.

4 RESULTADOS

4.1 Centro, apropriações e paisagem: ações do poder instituído

A cidade enquanto ponto de partida da apropriação humana, que invade o espaço e se adapta, mas também que é invadida por um modo de vida urbano, é cadenciada por diferentes ritmos ao longo do tempo que podem ser estudados e comparados. No âmbito do patrimônio e da paisagem, as diferentes apropriações vão convergir para formação de uma imagem da cidade. Kevin Lynch (1960) considera que a arquitetura, o urbanismo e outras formas de se apropriar e interagir com o espaço raramente podem fazer uso de sequências controladas a comparar com outras artes como a música. Para o autor, ao longo do tempo estas sequências são abandonadas, invertidas, interrompidas e até anuladas. Para compreender a cidade, interessa, mais do que as sequências em si, as cadeias de acontecimentos, as memórias e as significações. Mais do que a própria imagem da cidade, a inserção dos ritmos e as apropriações de quem habita aquele espaço resalta o confronto entre o ser e o viver, entre o lugar e o não lugar (AUGÉ, 2010). Lefebvre (2021) considera a convergência entre o espaço e as ações dos corpos – respirações, circulações, fases e suas durações – no estudo dos ritmos, mas não sem o risco das ilusões derivado de diversos aspectos, dentre eles a ideologia.

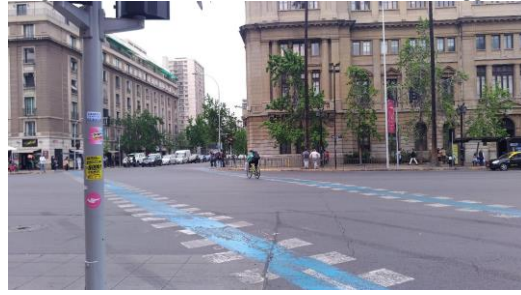
A imagem da cidade é resultado também da individualidade, a saber, é um processo de reconhecimento bivalente com forças atuantes do observador e do meio. Ao comparar o olhar do turista e do etnólogo, Augé (2010) explora os diferentes esforços que as cidades, enquanto governança instituída, podem se dedicar. O processo de formação das cidades globais estimula que nelas seja construída uma imagem mais homogênea (SANTOS, 2000), pautada por tendências, características e apropriações pensadas e instituídas em uma escala mundial, suprimindo suas especificidades. Na perspectiva de Santiago, as imagens públicas e figuras mentais associadas remetem a uma cidade global que segue e persegue importantes agendas urbanas, como a valorização da mobilidade ativa e da vitalidade urbana, relacionada ao fomento do convívio e vivência da urbe. Tendo a mescla de usos como fator-chave, a busca destes objetivos é incrementada de diferentes formas, como através de ruas peatonais, semáforos sonoros, mobiliário urbano criativo, intervenções artísticas em empenas cegas, infraestrutura cicloviária, etc (Figuras 1, 2, 3 e 4). A paisagem da cidade passa, portanto, a conviver com intervenções derivadas de tempos distintos, mas voltadas para a vivência daquele espaço plural em memória e história.

Figura 1 – Ponte Loreto sobre o Rio Mapocho



Fonte: Autores (2022)

Figura 2 – Alameda Libertador Bernardo O'Higgins



Fonte: Autores (2019)

Figura 3 – Acesso à estação de metrô Bellas Artes



Fonte: Autores (2019)

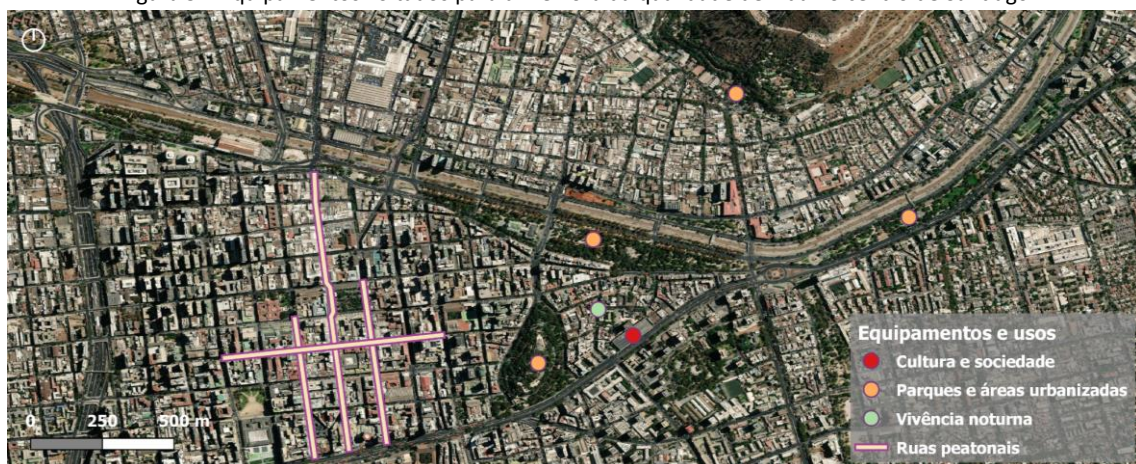
Figura 4 – Acesso à estação de metrô Santa Lucia



Fonte: Autores (2019)

A presença de diversos equipamentos e infraestruturas amigáveis à mobilidade ativa e à concepção da cidade enquanto espaço primordial para o encontro (JACOBS, 2007) influencia a ocupação do espaço público por diferentes públicos, idades e ritmos. A convergência desses momentos e ritmos compõe o centro de Santiago e fortalece a percepção de uma receptividade que coordena diferentes usos, tipos de edificações, bem como o antigo e o novo. A Figura 5 destaca no centro de Santiago diferentes equipamentos que contribuem para a socialização e a vivência saudável da cidade, destinados à população e não somente ao turista, o que é observado a partir dos fluxos e das percepções diárias de uso.

Figura 5 – Equipamentos voltados para a melhora da qualidade de vida no centro de Santiago



Fonte: Autores (2023)

O ritmo observado ao percorrer esses lugares evidenciou a variedade de público e diferentes marcadores da vida urbana que possibilitam uma vivência maior ou menor dos espaços. Ao mesmo tempo que as ruas peatonais (Figuras 6 e 7) são pontos de passagem para

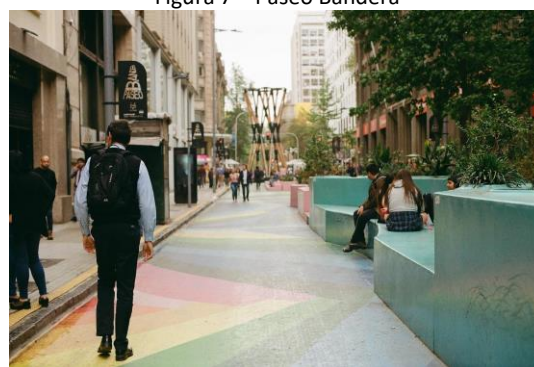
parte da população que tem como destino seus edifícios ou outros lugares, elas também são área de trabalho de múltiplas pessoas através do mercado ambulante de roupas e alimentos, principalmente. Os sons das ofertas, das promoções, das conversas, dos toques de celular e dos carros nas esquinas cadenciam o percurso. O ritmo, já interrompido a cada cruzamento, também é descontinuado pela necessidade de desvios de coisas e de pessoas. Quando estão presentes os mobiliários urbanos, a paisagem é complementada não só por eles, mas pelo grande número de pessoas fazendo seu uso. A incrementar os ritmos, seja da pausa, seja do movimento, a música está presente em quase todos esses lugares a partir da apropriação do espaço por músicos locais. Certas vezes, esses espaços também são compartilhados pela dança de diversos casais. A apropriação do espaço e a vida pulsante, desconcertante e atordoante desses lugares nos estimulam a refletir e comparar o porquê de muitas cidades insistirem em permanecer com as vias voltadas majoritariamente para os carros.

Figura 6 – Paseo Huérfanos



Fonte: Descobrimdo Chile (s.d.)

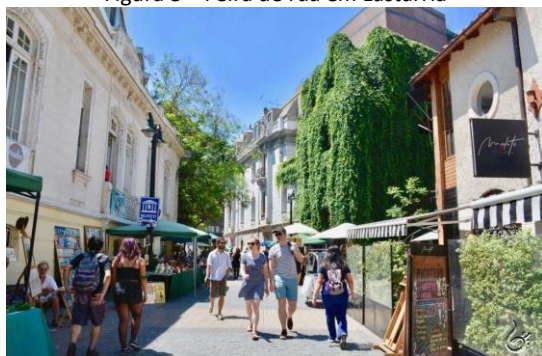
Figura 7 – Paseo Bandera



Fonte: Autores (2019)

No mês de novembro, o pôr do sol em Santiago ocorre em torno de 20h. Os fluxos diurnos e noturnos se misturam na medida em que características diárias, como o fim da jornada de trabalho, ocorrem na presença da luz do dia, o que parece estimular a vivência da cidade, seja nos múltiplos espaços de parques e áreas urbanas arborizadas, ruas boêmias ou centros de cultura. A essa hora, o centro de negócios, onde estão as principais ruas peatonais, as gravatas e os ternos, vai se esvaziando. Seja em direção à moradia, ou às variadas opções de *happy hours*; seja para os parques ou a outros lugares de sociabilidade, esses fluxos e ritmos se espalham por Santiago em velocidades mais lentas, conversas mais alongadas e posturas mais relaxadas. Nesse sentido, a localidade de Lastarria se destaca enquanto centralidade boêmia de destino (Figuras 8 e 9). Lá, apesar dos carros e outros veículos automotores terem espaço garantido, não são prioridades uma vez que grande parte das vias está dedicada às calçadas e à alocação de mesas dos restaurantes que se estendem para a rua. Os carros, lentos, trafegam e compartilham sua faixa com bicicletas e skates. Cachorros e seus tutores também passam por lá. Complementando os caminhos e derivas possíveis, muitas vielas e trechos labirínticos culminam em largos com forte apropriação pela população, expressa na venda ambulante de lanches e doces, ou na presença de mais mesas de múltiplos restaurantes compartilhando o espaço. A escala humana de Lastarria — seja na iluminação pública, no amplo espaço para pedestres, nas feiras de rua, nos murais artísticos em empenas cegas, nas edificações, na transição entre espaços públicos e privados, ou nos pontos de pausa e apoio — torna a permanência e o percurso prazerosos, possibilitando a observação e a interação com uma confluência de diferentes ritmos.

Figura 8 – Feira de rua em Lastarria



Fonte: Nós no Chile (2022)

Figura 9 – Mural em empena cega de Lastarria



Fonte: Autores (2022)

As áreas de grande arborização se configuram como grandes pontos focais na paisagem do centro de Santiago. A simplicidade dos espaços e a apropriação intensa pela população destacam essas áreas enquanto importantes pontos de observação. A interação entre cachorros e seus tutores, o descanso no intervalo do trabalho ou do estudo, a refeição ao ar livre, o exercício físico e o ato de passagem diversificam os ritmos que compartilham o mesmo lugar. A atuação do poder instituído para o resgate e fortalecimento dos Cerros Santa Lucía e San Cristóbal (Figura 10) promove a confluência da vivência ativa, do encontro, da saúde e também do turismo. Complementarmente, os parques ao longo do Rio Mapocho (Figura 11), de valor histórico para as populações ameríndias, estabelecem novos usos e aproximação entre o ser humano e o corpo hídrico. Além de estabelecer em alguns pontos função infraestrutural para a cidade, na perspectiva de possibilitar áreas de alagamento durante a cheia do rio, a presença da população nesses espaços, que conciliam o verde, o patrimônio cultural e o uso pujante, fomenta o fortalecimento de interações interpessoais e o pertencimento em relação à cidade e contribui para uma vida urbana mais coletiva, saudável e democrática.

Figura 10 – Subida para o cerro San Cristóbal (Parque Metropolitano)



Fonte: Autores (2022)

Figura 11 – Parque Forestal em um fim de semana

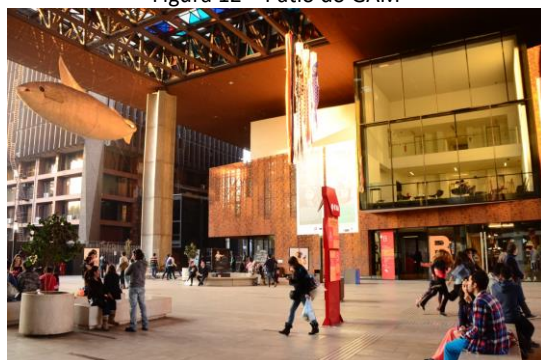


Fonte: Autores (2022)

A transição entre o público e o privado impacta diretamente na proposta de derivas e reconhecimento da vida urbana e seus ritmos. Para além de muitas galerias com pontos comerciais que esparramam para dentro dos edifícios a cadência da via pública e concentram tanto ritmos lentos e de passeio, quanto ritmos assertivos e direcionados a um lugar específico, a presença de centros culturais porosos promove uma saudável confusão entre transeunte e usuário, bem como estimulam uma maior apropriação do espaço. O Centro Cultural Gabriela

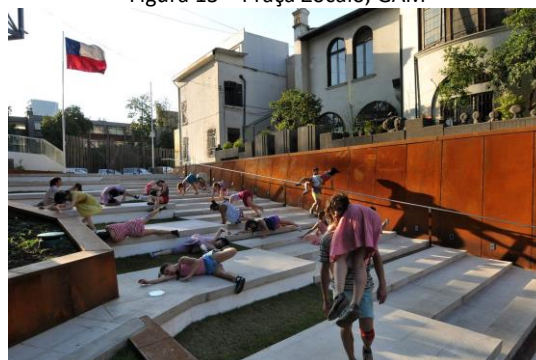
Mistral (GAM) (Figuras 12 e 13), além de reunir essas características da transição público-privado, é símbolo de patrimônio, memória e cultura no centro de Santiago. Com a oferta de diferentes ambientes, banheiros públicos, mobiliário de pausa e interação, teatro, cinema, exposições e áreas de acervo, o GAM, durante todo seu horário de funcionamento (9h às 22h), complementa a vida urbana enquanto espaço de reunião, mobilização e práticas diversas. Feiras de artesanato e outros artigos se apropriam do espaço, assim como aulas coletivas de yoga, ou simplesmente momentos de encontros, de pausas, de interação ou de produções artísticas ocupam seus pátios internos e praças.

Figura 12 – Pátio do GAM



Fonte: Chileando (2019)

Figura 13 – Praça Zócalo, GAM



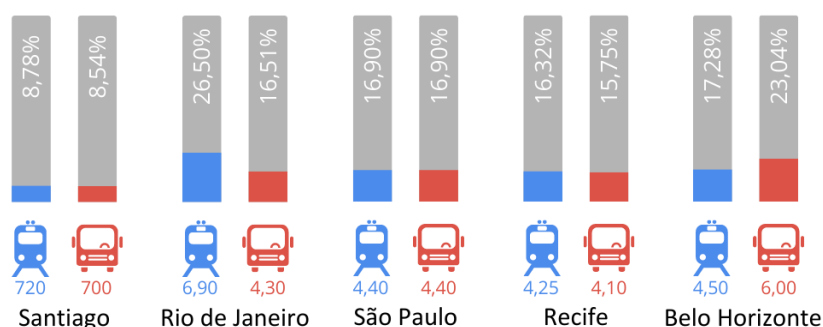
Fonte: GAM (s.d.)

Conhecer um espaço a partir da perspectiva do turista etnólogo demanda misturar-se e analisar os ritmos, os usos e as apropriações para além do compreendido enquanto turismo em uma cidade global. Considerando a relação entre o processo de turistificação e da gestão da cidade enquanto produto (MONTANER *et al.*, 2014; SANTOS, 2000; CAVALLAZZI *et al.*, 2018), cabe destacar que a formação da sociedade “urbano-estatal-mercantil” (LEFEBVRE, 2021) altera o espaço e o tempo, agora voltados também para os mercados e impactando e criando novos ritmos. A infraestrutura urbana e os edifícios da região central de Santiago compõem e denotam um contexto físico bem qualificado, que oferta espaços públicos atrativos, cômodos e proveitosos e concentra diversas oportunidades urbanas, a exemplo de postos de trabalho, um comércio variado, instituições educacionais, equipamentos culturais, e parques. Embora este recorte da cidade possa, em muitos casos, abarcar toda a experiência de turistas durante sua estada na cidade, é fato que viver nele não é algo acessível a toda a população e que as qualidades ambientais nele encontradas não retratam o todo.

Na perspectiva da segregação espacial, por exemplo, uma rede de mobilidade que é, em grande medida, satisfatória mitiga desigualdades socioespaciais e amplifica as chances de acesso e fruição desse lugar: de acordo com o Índice de Qualidade de Vida Urbana chileno, 61,02% da população da província (divisão administrativa similar aos estados brasileiros) de Santiago reside em áreas onde a conectividade e a mobilidade têm alta ou média-alta qualidade, enquanto a parcela que habita locais onde a qualidade é considerada baixa é de 9,74% (ORELLANA, 2022). Comparando Santiago a algumas metrópoles brasileiras — onde por vezes o transporte público coletivo precário constitui a realidade de grande parcela da população — o impacto do custo da tarifa desses modais na renda mensal é, proporcionalmente, menor na capital chilena (Figura 14). Porém, independentemente do valor da tarifa, uma mobilidade urbana acessível não se concretiza caso a parcela da renda comprometida com outras despesas, como habitação, alimentação e saúde, for excessiva. Um indício de que isto de fato ocorre no

Chile é a quantidade de pessoas de distintas faixas etárias que passam por baixo das catracas nas estações do metrô, uma cena corriqueira no cotidiano desta cidade.

Figura 14 – Valor da tarifa do metrô e de ônibus urbanos e seu impacto na renda mensal de 1 s.m.



Fonte: Autores (2023), com dados de Navarro, Oliveira e Rodriguez [2017?]; Chile (2022); IPEA Data (2023); Red Movilidad (s.d.); Metrô Rio (s.d.); Rio de Janeiro (2023); SPTrans (s.d.); Pernambuco (s.d.); e Belo Horizonte (s.d.)

As derivas sobre Santiago, a atenção aos ritmos e suas repetições ao longo dos dias de estudo, a lógica do adestramento da cidade sobre o cidadão e o desejo que emerge no turista etnólogo de se tornar parte dessa paisagem, fazem brotar uma desconfiância, a busca da diferença e da dimensão oculta ainda não revelada, capaz de mostrar os conflitos e contradições na produção de memória, patrimônio e da paisagem. Essa diferença foi reconhecida na explosão social chilena iniciada em 2019, estampada em fachadas no centro da cidade e fazendo do espaço um livro aberto, passível de ser reivindicado. As ações do poder instituinte, a serem tratadas a seguir, estabelecem novos olhares de interpretação da imagem desta cidade, apesar do reconhecimento de suas benesses para a vida urbana e para o uso democrático do espaço. São marcas, rasuras, registros, que evidenciam a presença de outras realidades e ritmos atuantes no espaço público e que reivindicam nele seus direitos.

4.2 Centro, reivindicações e paisagem: ações do poder instituinte como elemento discursivo e transformador do espaço urbano

As ações instituintes são aquelas nas quais pessoas, coletivos, organizações populares e outros organismos criam, conscientemente ou não, alternativas às normas, regras e práticas formalmente estabelecidas, ou incidem diretamente sobre as instituições que as estruturam e as mantêm para reivindicar mudanças. No que se refere às cidades, movimentos com demandas múltiplas, plurais e inclusive desterritorializadas podem deixar profundas marcas na paisagem urbana e disputar as memórias e os significados por ela resguardados.

A capital chilena é uma prova disso. O aumento na tarifa do metrô fez eclodir em Santiago, no dia 18 de outubro de 2019, um movimento que evidenciou o intenso descontentamento de boa parte da população em relação à precarização da vida no modelo neoliberal. Anos após terem sido palco de massivas, intensas e duradouras mobilizações (Figura 15) que resistiram e enfrentaram de maneira criativa (Figura 16), festiva e ao mesmo tempo violenta a ação mais violenta ainda das forças de segurança (TINTA LIMÓN, 2021), as ruas de Santiago hoje narram, através de intervenções insurgentes, a história da explosão social chilena, de suas batalhas e suas personagens e tornam nítidos, a quem se propõe a notar, muitos dos sentimentos que fizeram com que ela ocorresse.

Figura 15 – Manifestantes tomam as ruas de Santiago em 25 de novembro de 2019: a *Plaza Italia* é o epicentro



Fonte: Pedro Ugarte, AFP (2019)

Figura 16 – Resgatistas voluntários na *Plaza Italia*, renomeada por manifestantes para *Plaza de la Dignidad*



Fonte: Paulo Slachevsky (2019)

Apesar das inscrições urbanas reivindicatórias não terem, de modo algum, iniciado durante a explosão chilena, interpretá-las de forma isolada desse contexto se tornou algo difícil após outubro de 2019. As intervenções artísticas, críticas e pedagógicas que inundam esta zona da cidade transmitem de forma muito potente uma narrativa popular sobre as manifestações, suas motivações e seus desdobramentos. Devido a isso, parece algo oportuno usá-las como ilustrações em um breve relato do movimento.

O que de início poderia parecer um levante contra o aumento de trinta pesos no metrô de Santiago, carregava toda a indignação a respeito da soma do alto custo de vida, das jornadas de trabalho de 45 horas semanais (que até 2005 eram de 48), da financeirização do sistema educacional, da desigualdade no acesso à água e a devastação dos bens naturais (Figuras 17 e 18), da violência no território do povo originário Mapuche (Figuras 19 e 20), de um modelo previdenciário baseado na capitalização individual — no qual 90,9% da primeira geração de pessoas aposentadas passaram a receber menos que 56,6% do valor do salário mínimo (REVERBEL, 2017) — e, transversal à existência desses fatores, o endividamento massivo da população (TINTA LIMÓN, 2021).

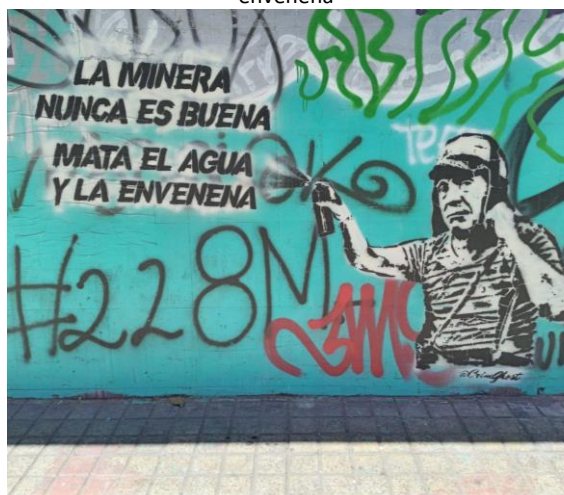
Desde a virada do século, as problemáticas objetivas enfrentadas pela população haviam direcionado movimentos setoriais que amplificaram e aprofundaram o debate e a cobrança acerca de certos temas, como as revoltas estudantis contra a financeirização do sistema educacional (a de secundaristas, iniciada em 2006 e denominada Revolta dos Pinguins, e a universitária a partir de 2011), as marchas feministas no 8 de março (Figura 21) e os grandes protestos contra as administradoras de fundos de pensões (Figura 22) — que controlam os recursos no sistema previdenciário privado e baseado na capitalização individual — organizados pela No+AFP, que eclodem a partir de 2016 (TINTA LIMÓN, 2021).

Figura 17 – Cartaz sobre a questão hídrica colado no GAM



Fonte: Autores (2019)

Figura 18 – “A mineração nunca é plena, mata a água e a envenena”



Fonte: Autores (2022)

Figura 19 – “Chovem balas sobre a Araucanía”, região chilena onde se concentra a população Mapuche



Fonte: Autores (2022)

Figura 20 – Bandeira Mapuche hasteada no Monumento al Genio de la Libertad, no entorno da Plaza Italia



Fonte: Autores (2022)

Figura 21 – Por cima deste mural sobre violência de gênero, vítimas escrevem denunciando seus abusadores



Fonte: Autores (2022)

Figura 22 – “As AFPs devem morrer para que os aposentados possam ‘viver’”



Fonte: Autores (2022)

A permanência dessas problemáticas e o amadurecimento gradual dessas lutas explicam apenas em parte a ocorrência e a magnitude da Explosão. Apesar dela ter ocorrido durante o Governo de caráter neoliberal do presidente Sebastián Piñera, a crítica de que

sucessivos Governos progressistas aprofundaram o neoliberalismo chileno — prescrito ao Chile contemporâneo pela Constituição de 1980, redigida durante a ditadura do General Pinochet — tem bastante expressão na sociedade e em suas manifestações e compõe a descrença de que as mudanças demandadas poderiam ser conquistadas apenas no âmbito da política institucional (Figuras 23 e 24) (TINTA LIMÓN, 2021).

Figura 23 – Ex-presidente Sebastián Piñera por trás de uma máscara do atual, Gabriel Boric, representante da esquerda e ex-líder dos movimentos estudantis de 2011



Fonte: Autores (2022)

Figura 24 – Cartaz anarquista sobre o plebiscito pela nova Constituição: “nem aprovo, nem rechaço”, opondo-se à estrutura e ao controle do Estado



Fonte: Autores (2022)

Outra dimensão deste conflito é a oposição à conduta das forças de segurança, especialmente dos *Carabineros* (VYTRINA DISTÓPICA, 2021), equivalentes à polícia militar dos estados brasileiros. Esse fator se intensificou ao longo das manifestações (Figuras 25, 26, 27 e 28) onde a violência por elas perpetrada ganhou escala e visibilidade: segundo dados do Instituto Nacional de Direitos Humanos do Chile, houve, entre 19 de outubro de 2019 e 13 de março de 2020 — 3 dias antes do país decretar estado de exceção devido à pandemia do coronavírus (NAVARRETE, 2021) —, 1.224 pessoas vítimas de tortura e outros tratamentos cruéis, desumanos e degradantes, dentre as quais 282 sofreram tortura com violência sexual (95,7% cometida pelos *carabineros*), 460 lesões oculares (na maioria causadas por disparos propositalmente com armas de fogo) e 34 homicídios dolosos (INDH, 2020).

Como uma das múltiplas reivindicações — pela qual seria possível endereçar diversas outras — estava a redação de uma nova constituição em substituição à vigente. Embora a Carta de 1980 não previsse em seu texto os mecanismos para uma reforma constitucional — algo que serviu de argumento para impossibilitar a redação de uma nova e preservar sua estrutura ao longo de trinta e nove anos (BRITO, 2021) — a mudança na correlação de forças políticas (institucionais e instituintes) provocada pela Explosão fez com que uma nova Carta fosse elaborada. No dia 4 de setembro de 2022, no plebiscito que validaria ou recusaria a Constituição proposta, 61,86% do eleitorado votou contra a aprovação. Ainda que não fosse uma unanimidade entre as pessoas mobilizadas, a nova Carta fornecia uma perspectiva de avanço no conjunto de pautas defendidas, mais do que qualquer outra decisão em debate. Seu rechaço, de certa forma, tornou ainda mais incerta a transição de um Estado mínimo para um Estado garantidor de direitos.

Figura 25 – Mural em homenagem a manifestantes mortos ocupa a fachada térrea desta edificação



Fonte: Autores (2022)

Figura 26 – “Jogaram-no”, diz mural sobre Anthony Araya, jovem de 16 anos lançado no rio Mapocho por policial



Fonte: Autores (2022)

Figura 27 – *Paco* é um termo usado em referência aos *carabineros*, normalmente de modo pejorativo



Fonte: Autores (2022)

Figura 28 – Discursos de ódio contra a polícia espalham-se pela cidade, como na sigla ACAB, do inglês “todos policiais são bastardos”



Fonte: Autores (2022)

5 CONCLUSÃO

A desigualdade urbana e a segregação socioespacial encontram espaços para se tornarem mais evidentes ao longo das ruas do centro de Santiago. Ao buscar uma análise a partir da dualidade entre o turista e o etnólogo reconhecendo as mazelas que a homogeneização de uma cidade global pode causar – e que engloba a lógica do turismo –, a visibilidade desses escritos, reivindicações e denúncias, que impõem seu espaço nas fachadas da cidade, é arsenal que evidencia tanto aspectos relativos ao desequilíbrio entre *ville* e *city*, entre projetos de cidade e a vida cotidiana, como também a força da organização social, que já se fazia presente na sociedade chilena, mas cresce a partir de 18 de outubro de 2019. Em Santiago, os conflitos sociais e urbanos transbordam limites, gravando-se na paisagem, extravasando o espaço público e alcançando planos privados.

Nesse sentido, a memória da explosão chilena permanece viva ao longo das vias e do tempo, para além dos memoriais. A luta por processos e políticas públicas participativas que aumentem a consideração sobre o interesse de distintos grupos populacionais nos processos de tomada de decisão, reivindicadas na insurreição, demandaram espaço nas fachadas e nos monumentos instituídos que marcam a paisagem urbana e o patrimônio. A esterilidade e

homogeneidade da cidade global é manchada pela realidade da desigualdade e do esquecimento de grande parcela da população. Para além do debate acerca dos fins estéticos das intervenções e apropriações do espaço urbano, é necessário destacar a importância de encarar de frente o caderno aberto e público que é o centro de Santiago, para saber que muito está em jogo quando se trata de cidade, da disputa pela memória e da dialeticidade entre o instituído e o instituinte.

6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Editora UNESP, 2010.

BRITO, Sofia. O processo constitucional tem muitas armadilhas. In: TINTA LIMÓN (org.). **Chile em chamas: a revolta antineoliberal**. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2021. p. 189-207.

CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli; BERTOLDO, Flávio Soares. Desafios da cidade standard. In: CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli; FAUTH, Gabriela (org.). **Cidade standard e novas vulnerabilidades**. Rio de Janeiro: PROURB, 2018. p. 85-101.

CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli; FAUTH, Gabriela (org.). **Cidade standard e novas vulnerabilidades**. Rio de Janeiro: PROURB, 2018.

INDH - INSTITUTO NACIONAL DE DERECHOS HUMANOS. **Reporte general de datos sobre violaciones a los derechos humanos**: datos desde 17 de octubre de 2019 e ingresados hasta el 13 de marzo de 2020. Santiago: INDH, 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **Elementos da ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3ª edição. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.

MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Editora G. Gili, 2014.

NAVARRETE, José. Presidente Piñera confirma que no se extenderá el estado de excepción y llama al autocuidado. **La Tercera**, 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.latercera.com/nacional/noticia/gobierno-no-extendera-el-estado-de-excepcion-tras-ano-y-medio-bajo-la-medida/XTPF6JQLJVDZFPRNRWXQLWS2CM/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ORELLANA, Arturo (Ed.). **Índice de Calidad de Vida Urbana 2021**. Núcleo de Investigación sobre Gobernanza y Ordenamiento Territorial - NUGOT. Santiago: Pontificia Universidad Católica de Chile, 2022.

REVERBEL, Paula. Como é se aposentar no Chile, o 1º país a privatizar sua previdência. **BBC Brasil**, 16 mai. 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-39931826>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SENNET, Richard. **Construir e habitar: ética para uma cidade aberta**. São Paulo: Record, 2018.

TINTA LIMÓN (org.). **Chile em chamas: a revolta antineoliberal**. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2021.

VITRINA DYSTÓPICA. A revolta nos obrigou a pensar nas instituições que inventamos. In: TINTA LIMÓN (org.). **Chile em chamas: a revolta antineoliberal**. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2021. p. 153-187.